

PRIMEIRAS LIÇÕES

Humberto Rezende
Especial para o *Correio*

Quando era bancário e estudava administração de empresas, há três anos, Marcelo Henrique Freire, 24 anos, já se interessava por educação e gostava de crianças. Mas ser professor de educação infantil parecia impossível. “Achava que não existia homens dando aulas para essa idade”, conta. Surpreso, descobriu que a escola Vivendo e Aprendendo, na Asa Norte, estava contratando professores homens para suas turmas, do maternal ao pré. Candidatou-se ao cargo e foi aceito. Deixou o emprego no banco, largou a faculdade e hoje ensina em uma turma de crianças de cinco a sete anos.

A história de Marcelo ilustra uma realidade que começa a ser criticada por algumas escolas e considerada prejudicial à formação das crianças por vários especialistas: o exagerado número de mulheres atuando no ensino infantil e fundamental.

Em seu livro *As primeiras professoras — As origens do processo de feminização docente na Espanha*, ainda não lançado no Brasil, a socióloga da Escola de Magistério da Universidade Autônoma de Madri, Sonsoles San Román, contesta a crença de que seria natural as crianças serem ensinadas por mulheres. Ela acredita que essa realidade se deve a construções históricas que determinam papéis distintos para os dois sexos e critica essa divisão desigual entre homens e mulheres na sala de aula.

Seu principal argumento é o de que, sem professores homens, as crianças estariam aprendendo que ensinar e cuidar de alunos é tarefa exclusiva das mulheres. “Vai contra o modelo de sociedade que nós queremos construir: democrática e igual”, adverte Sonsoles.

A realidade espanhola e brasileira são muito parecidas nesse aspecto. Em sua pesquisa, Sonsoles verificou que 70% dos professores espanhóis são mulheres. Na educação infantil, elas representam 99% dos docentes. Em Brasília, dados da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan) mostram que, na Fundação Educacional, 90% dos professores são mulheres. A proporção é ainda maior nas séries iniciais.

MUDANÇA

Percebendo isso, alguns colégios começam a tentar reverter esses números. “A função da escola é formar um cidadão contemporâneo de seu tempo e capaz de promover mudanças. E ser capaz de conviver com as novas relações entre os sexos faz parte dessa formação”, diz Lúcia Pulino, professora do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da Universidade de Brasília (UnB) e psicóloga da escola Vivendo e Aprendendo.

“As mulheres sempre ficaram responsáveis pela criação das crianças e isso acabou refletindo na educação. Tanto que a primeira turma da escola se chama maternal, que remete a uma idéia de mãe. Mas hoje a realidade é outra. As mulheres saíram de casa”, observa Lúcia.

Por isso, na escola onde trabalha cada turma é ensinada por dois professores, um homem e uma mulher. Isso, sempre que possível, pois a escola sofre com a falta de homens dispostos a encarar o ensino infantil. Assim, elas convivem com os dois modelos, e aprendem a questionar valores que vêm fora da escola e na própria família.

“É comum elas associarem os professores com o pai e a mãe”, conta outro professor da Vivendo e Aprendendo, Gilberto Nunes Filho, 27 anos, formado em psicologia. Marcelo concorda: “Alguns alunos me perguntam por que eu uso brinco e o pai delas não, quando temos aula de culinária, eles repararam que, mesmo sendo homem, eu cozinheiro”.

A experiência gera nas crianças uma reflexão sobre os papéis do homem e mulher na sociedade. Na turma de Marcelo, já começa a ficar claro para as crianças as diferenças

Edson Gês



TABU

Nunes e Marcelo (de pé), contratados pela escola Vivendo e Aprendendo para dar aula de alfabetização: contribuição para mudar uma realidade predominantemente feminina e levando as crianças a refletirem sobre os papéis do homem e da mulher na sociedade

ENTREVISTA/Sonsoles San Román

“O excesso de mulheres na educação infantil e primária não é natural nem positivo”

Do El País

Professora de sociologia da Escola de Magistério da Universidade Autônoma de Madri, Sonsoles San Román dedicou quatro anos de sua vida para analisar as razões de a grande maioria de professores do ensino infantil e fundamental serem mulheres. O resultado do estudo está publicado na obra Las Primeras Maestras — Los orígenes del proceso de feminización docente en España. No livro, lançado este ano na Espanha, Sonsoles critica a idéia de que as mulheres teriam uma habilidade natural para serem professoras e diz que a falta de homens ensinando nas séries iniciais é prejudicial às crianças.

Se o magistério é formado por cerca de 70% de mulheres, proporção que chega a 99% em especialidades como educação infantil, como é que até agora não se havia analisado esse fenômeno?

Porque sempre se considerou evidente e natural que haja mais mulheres professoras. Mas o excesso de mulheres na educação infantil e primária não é natural nem algo positivo. É prejudicial.

Por quê?

O fato de os docentes serem fundamentalmente mulheres tem

efeitos negativos sobre o modelo de sociedade que queremos alcançar: democrática e igual. O ensino primário é a base e as crianças estão se socializando fundamentalmente com mulheres. Não se trata de excluir as mulheres deste campo, mas de abri-lo aos homens. *O que a senhora diria aos que consideram positiva essa feminização?*

As pessoas que reivindicam o magistério para as mulheres são aquelas que estão entendendo a profissão como uma extensão da maternidade. E, ao defender a feminização do magistério, estão excluindo as mulheres de outros campos. Já não se pode mais defender teses como a de que as mulheres são mais intuitivas e pacientes, sobretudo porque agora se educa mulheres e homens da mesma maneira. *As vezes se considera o papel da professora uma extensão da maternidade.*

A maternidade tem muito a ver com esse processo. No século passado, se pensava que era melhor que as professoras fossem mulheres por suas “qualidades naturais”. Neste século, e até nos dias de hoje, defende-se o excesso de mulheres com o argumento de sua possível experiência como mães em casa. *Então a divisão de tarefas em casa, inclusive no cuidado*

com os filhos, mudará essa situação.

É possível, mas levará muito tempo. O certo é que algo está mudando. A prova é que os alunos homens de educação infantil estão conseguindo emprego antes que as mulheres. Os colégios estão querendo professores homens. *Que efeitos essa feminização produz sobre a educação das crianças?*

O efeito é que a situação se reproduz: as meninas crescem imitando modelos femininos e os meninos não querem se dedicar ao magistério porque consideram que é um ofício de mulheres. Os primeiros anos de educação das crianças são decisivos, e quando vêm que são as mulheres que se encarregam da educação, começam a formar uma idéia determinada de como o mundo funciona. *Que pretendia conseguir com sua pesquisa?*

Analisar o processo de incorporação das professoras nas escolas públicas desde o seu começo, e os interesses políticos, econômicos e religiosos que impulsionaram as mulheres para essa profissão. Queria averiguar por que há tanta feminização no ensino infantil e as escolas estão repletas de mulheres jovens. *E por que estão?*

Quando você pergunta às pro-

fessoras e alunas de magistério por que escolheram essa profissão, quase todas dizem que é por vocação e amor às crianças. Tudo bem. Mas é importante observar que há fatores sociais determinando que essa escolha ocorra. Não é natural que haja tantas mulheres nessa parcela. O processo se inicia na educação familiar, pelo modelo de mãe que temos, e a história tem tido um papel fundamental.

Por que continua havendo essa feminização atualmente?

A história, a forma que as mulheres são educadas e as expectativas que as famílias tem em relação aos seus filhos e filhas — que não são as mesmas — têm influenciado. A maioria das alunas de magistério são de classe média, quase não há de classe alta. E os meninos, quando fazem magistério, são de classes sociais mais baixas que as meninas. *Isso não tem a ver com o salário?*

Certamente. A profissão está desprestigiada, e está porque é mal paga. Por isso há mais mulheres. *Seria necessário portanto buscar formas de elevar o prestígio. Como?*

Convertendo o curso de magistério em cursos de licenciatura. Subiriam os salários, se elevaria o nível de conhecimentos e o acesso à carreira seria mais duro.

lias o papel de cuidar da casa e dos filhos recai sobre a mulher.

CÍRCULO VICIOSO

A predominância de mulheres na escola realimentaria um círculo vicioso. “A escola brasileira, em geral, ainda não assumiu o projeto de democratizar a sociedade. Sem igualdade entre os sexos, não há democracia”, acredita.

Ela alerta para o fato de que a família brasileira hoje é cada vez mais a do pai ausente. “Cerca de 25% das famílias hoje no Brasil são sustentadas por mulheres. E as consequências disso são nefastas para as crianças”, diz. E ressalta, ainda, que essa profissão acaba sendo pouco prestigiada, com salários menores.

Mesmo que se observe uma mudança acontecendo na educação infantil, com uma demanda crescente por homens — o estudo de Sonsoles diz que os homens que se especializam em educação de crianças são mais rapidamente absorvidos no mercado que as professoras —, o processo tende a ser lento e tem seus obstáculos.

“Algumas mães às vezes ficam preocupadas com o fato de deixarem as crianças com um homem”, conta Gilberto. Por cuidar de crianças, o trabalho dele inclui dar banho, ajudar a trocar de roupa ou ir ao banheiro. Isso pode gerar receio em alguns pais e seria outro motivo para as escolas preferirem contratar mulheres. Mas no caso da Vivendo e Aprendendo isso é raro. “Algumas mães separadas preferem até que o filho aprenda com homem, para ter também o referencial masculino”, conta.

O consultor de recursos humanos Luiz Amore, 38 anos, aprova o fato de a filha Nina, quatro anos, ter um professor homem. “Duas pessoas cuidando te deixa mais seguro. No caso de um professor e uma professora, melhor ainda, por permitir à criança ter o referencial dos dois sexos. Ela convive com a forma de sentir, criar, pensar e cuidar tanto do homem quanto da mulher, que são diferentes”, acredita.

Outra consequência da filosofia adotada na escola é convocar os pais a participarem mais da educação dos filhos. A própria criança pode chegar em casa com questionamentos sobre o comportamento dos pais. Nessa hora é importante que a escola seja um lugar aberto para tirar as dúvidas que os pais também possam ter. “O que me agrada com essa mudança é poder, junto com outros pais e professores, encontrar a melhor forma de educar meus filhos. Eu também me educo aqui”, constata Luiz.